



da tempestade que gafies e escondeu nela,  
fazendo-se impunidade da respectiva gafia?

Se não for, o que faz que um caminho  
não deve?

Se é o costume é cumprido, no  
entanto o praticado os Srs. Galvão e  
Azevedo, e, como tal, como elles devem  
ser punidos?

Em que de fato se que papéis, re-  
preende o Promotor Pública interessado?  
Já vê que a causa de queixas que entra em  
exigência não deve para tanto pre-  
ço, na figura do deputado que vive?

Como não denuncia o possidente,  
chefe de polícia, e chefe municipal?

Serão elles inválidas e sagradas  
porque ultrapassam as atribuições  
do poder moderador?

Nada de reticências, nada de em-  
tempações, nada de desculpas: cum  
prase à lei, e o que exigires, cari-  
mado a justiça e da moralidade!

José Azevedo e seu companheiro,  
mesmo por serem amigos próximos, e  
que se tornaram mais dignos de sua  
comunicação, e juntam, consentem  
nos que, sem proteção nossa, os man-  
dões o fizeram violâncias de suas treli-  
cadas propriedades.

E falsa a notícia que dá o *Conciliador*, quanto à atribuição a um redactor  
desta folha alguma artigo publicado  
na corte contra o Sr. Henrique Gomes  
de Oliveira.

E igualmente falsa que a *Repre-  
sação* sempre acusou esse redator e des-  
abridamente o mesmo Sr. Oliveira.

Por conta própria apenas em linguagem  
muito respeitosa, encarregamos a  
S. S. de comparecer a uma hora  
meio dia na alfândega e mostrámos a il-  
legalidade de um dos seus actos, admit-  
indo ao serviço da repartição um col-  
laborador, auxiliar ou coisa que o  
valha.

Não razão suficiente para se attri-  
buir a segurança a outrem um facto  
qualquer — a voz pública — porque  
também se dizia geralmente que o Sr.  
inspector fora o desmascarador das edifi-  
cias carimbadas em Agosto do anno  
passado, muitas coisas feitas por  
dito redactor, e que assim de experien-  
cia assinava de experiência suficiente  
para trabalhos dessa ordem.

As privacidades que forçosamente so-  
freu no seu período, assim quinze a vinte e  
quarenta e cinco dias, repetidamente o tra-  
balho, por si dito roga respeitosas e  
muitas amanhadas já pela excessão do tempo,  
e pelas embarras do pessoal.

D'agni segue-se que vivendo de empre-  
sos e passando misérias, o produtor  
de sua honra não daria para o operar  
nem desembocar-se.

Pois bem, si accresce alguma nuancinha  
sem as maiores, elles antedas de tudo  
tratam de comprar ma's terras, ainda que  
e distâncias de cinco, dezou vinte  
leguas!

« Tenho dois, tenho tres sitos »! ex-  
clama a chiegos da gloria esses felizes la-  
vradoreis, — e mto lhes toque algum vi-  
sinho n'um pão das matiss que lá pa-  
longe possuem: será uma demanda en-  
carniçada, cruenta, inexigível que ab-  
sorverá todo o tempo de trabalho dos  
dits já inimigos, e que fará vender os  
satis titos de ambos para pagamento de  
cotas n'um processo que deve recair em  
caro perda de titos e os de med'gas.

O exemplo constante de que tais fe-  
tos se dão em todos os lugares, não tem  
servido ainda para diminuir aquelle  
vicio, tão entranhado vae elle.

Morre um lavrador que julgava-se n'as-  
tado e com tal temor aliciou a fazer  
divididas, e tudo o que deixava é  
tudo acido, dentro de quinze dias longe  
e mto quem o quer empregar sinto a  
vileza, e a Frontaria alii fica e terra  
sem valor algum.

Onde está viva essa astúcia?

Possu terras, — o vicio mais grande  
e invejado n'as habitantes de n'issu in-  
terior, — embora nem um palmo seja culti-  
vado no mercado público, sendo preso  
em flagrante, e prisão pôdia, cum  
dissemissos, sua liberdade, nem a autorida-  
de dispensar na lei — ou: ser o delito  
quente processado infligiu-lhe a cas-  
tigo prático.

Devia soffrer a pena sim, mas depois  
de condenado.

—

As palavras que o *Conciliador* escr-  
veu a favor da violência praticada pelo  
delegado de polícia Tavares, acreditava  
da prisão da Maria Carolina autorizava-  
a supor-se que a ilustre redacção de-  
acordo com o delegado fazia no colig-  
criminal o seguinte artigo aditivo:

— Recusar-se a alguém comparecer  
ao chamado do delegado de polícia, in-  
sultando o esbirro que o intimar.

Penso: D: prisão — ia contagiante —  
sendo arrastado pelas ruas sentia que  
quer andar pelo seu pe.

No faço o *Conciliador* levezes destas  
ordens.

Ouça-nos, e já que não pôde desen-  
tamente justificar os escudalhos que  
denunciavam-se para evitar o ridículo.

— O Sr. delegado pôde mais pru-  
der e bondade m's.

Não admira que o *Conciliador* diga  
issò, o que nos causa especie, é ver  
ainda aquella delegado na polícia,  
contar-lhe a sua prulhança e bandidade!

## SEÇÃO GERAL.

### A Lavoura.

Que se não obtém geralmente cobrir  
as depezas e alcançar lucro líquido  
e um cultivo de um só genero de lavoura,  
não encerer de mais provas do que  
um simples golpe de vista fungado  
sobre o estudo do mercado de expecta-  
tiva da proxima.

O resultado desastroso de um systema  
assegurado e a insculpável rotina  
que acaba e atraiza no sa lavoura dei-  
xam paciente as causas que o determina-  
ram em insucesso na mesma tempa qual  
o remedio a oppôr-lheis.

E sabido que os nossos lavradoreis  
não dispõem de forças de braços; uma  
façam e no mas outras províncias, de  
cincuenta, cento, e mais trabalhadores  
não possuem: aqui o *sítio* pode ter  
grande extensão de terras, mas nunca  
passam de dez a dize os cultivadores  
dessas terras, o quais assim ficam a  
maior parte em matiss, outra provi-  
ta em capões abandonados, campões, e  
finalmente se pegam arenas sugestas a  
plano.

Aqui convém notar um habito que ovi-  
giu grande de graves consequencias  
para a agricultura e pôs para a pros-  
peridade da proxima.

O habituo do interior ardem des-  
de muito moçez pelo que é animata es-  
tabelecer-se ferrota ou quinze brechas  
de terra e um rancho, e a supremo ven-  
turego brisan, e que com a minor  
facilidade alejam-nos, visto o nean um  
valor das terras entre nós.

Insta-lhe os e pôs com as forças de  
seus próprios e unicos braços afiriam-se  
a derrubar, ou queimam, a plantar e co-  
lher, isto quasi sempre ter tido al-  
mento assumido de experiença suficiente  
para trabalhos dessa ordem.

As privacidades que forçosamente so-  
freu no seu periodo, assim quinze a vinte e  
quarenta e cinco dias, repetidamente o tra-  
balho, por si dito roga respeitosas e  
muitas amanhadas já pela excessão do tempo,  
e pelas embarras do pessoal.

— A morte do Napoléon III trouxe  
um grande alívio ao país; e em consequencia  
de que o homem de Brésil  
morreu a bordo da escócia a prole do  
rei, e que o embarcou de porto,

que o homem de Brésil

Tudo é feliz! é morto, novo, mortido,  
é natal, é bento no arvoredo à flor.  
Benvinda a aurora dos beijos tépidos,  
chamas de flores, e canções e luz!

Em nenhuns de círculo immenso espaço abysmo,  
das noivas primas do panel sédero!  
S'espesso ovalho de explendor saudoso!  
polinomos do caminho etéreo!

Tu lo é feliz! cada sorriso fervido  
diz «e não sabe por que» e diz: «amor!»  
cada suíno se prolonga em extas,  
e dia ternuras em segredo a flor!

Tu lo é feliz! a das lindas senhoras,  
férca ou pastora que desanta e ama,  
acha por leito, do arvoredo à sombra,  
flacida aitenta no progresso grama!

A terra exulta, e da sua manto golda  
s'escude as preguas, reviverem em an;

e o vento que halem refazem a pârpura torneira;

aragem mal que a viu jardim!

Ao bafo agreste do florente maio,  
a cada raião que d'esse de empreso,

arm-e um ninho no folhudo acantho,

acorda um canto e desabrocha um lyrio.

O céu é fada! um reino regoso prousto,

se a miúda fronde se pender... bem vés,

a viúva é soubra!, ó mitiga fada, acelhe m'a!

eu sei de certo que te caio aos pés!

Tudo é feliz! tudo o que nasce e cresce,

vai, floresce, lux, beijaço, ou corre;

eu vez digo: «E tu! tu! que morre!»

Fugi! fugi! serradas sombras türpidas!

longe os lamento! não se escute um ai!

Eia, poeta! ao concerto idylico!

pulsea a lyra! o sol e me! — amar!

Eu quero a vida! em quanto amor, n'est'alma,

regar a alma que hei de ver florida,

e a minha estrela me aponta... um norte,

ainá, se for! eu quero o azaor e a vida!

Vontado de Deus

Dr. Luiz De Siqueira

— Porque vou ver das colinas  
A manhã, que nos sorri?

— E se eu lá subo, meu anjo,  
Acaso von eu sem ti?

— Queres saber o que sciamos?  
Não sabes, mimosa flor?

— E tu porque sciasmos tanto

Às horas das xaz se pôr?

— Queres saber o que fazem

Meus olhos por céus alén!

— E os teus que fazem? não erião

Perdidos por lá também?

— Porque suspirro abatendo

A fronte palida ao chão?

— E tu, porque a fronte inclinas,

Porque suspiras enlou?

— O que procuro — alta noite

De dentro nos olhos bus?

— E tu, mulher, o que queres,

O que procuras nos meus?

Que doco mistério é este?

Eu quem sou e tu quem és?

— Tu, ... toda a luz de minh'alma ..

— Eu, a sombra de teus pés.

Eu sou a noite que doira

Da tua estrela o fulgor;

Eu sou o valle profundo,

Tu és a palida flor

Eu sou a vagão sombra

Que soluçando correu;

Tu és o raiô perdido

Que em suas águas bateu.

Eu sou a arvore agreste,

Que nos rochedos brota;

Tu és o passaro lindo

Que nos seus ramos pouso!

Eu sou as folhas do libro,

Tu és a lenda de amor;

Eu sou o vaso; e tu, virgem,

Tu és o suave odor!

Da vida á margens risonhas,

A' sombra dos ses rosas,

Eu rosas estou colhendo,

Tu sou colhendo estás!

Ali embal'mos as almas

N'um berço de amor sem fim ...

Eu não quer... tu não queres ...

Mis... é Dus qui quer assim!

O PADRE PRIOR

I

Fazou-se isto em uma aldeia, nos subúrbios de Lisboa, em noite de S. João.

Ardia a foguera os foguetes estalavam, e em roda da chama os bafejos a turba alegre dos camponezes. Uma guitarra e uma requinta faziam música do baile. As raparigas cantavam, caprichos respondiam, e ambos, voltando os olhos ignólos, repousavam naquela fadiga

doce ardura fatiga os trabalhos diários.

Uma rapariga, pálida, a Luizinha, desta história, estava em pé, encostada ao homem que era rapariga de pele negra, e assistiu a festa de camponezes com um sorriso alegre, de alma almeia benfeita e cristã, que se regozijava com o prazer dos mais.

Contados l' como elles se divertem! murmurou-lhe a barbinha a companionhe, que sorría tambem.

À poucos passos, sentada à porta da sua, em uma grande cadeira de madeira, com uma muilha de brancas edras, Era a dona de Luizinha, avó da rapariga de pele negra, e assistiu-a como ella fizera-ha. Vestia de preto os calcelos brancos de novos tufazinhos por baixo de uma touça também branca e simples. O rosto era rugido, mas a pelle era ainda fina, e as feixes conservavam um resto de sua antigua cor.

Quando já joguei brevi, a noite, mas operava-me um mal que quando olhava para a mata, um fulgor extra de medo de intercessor, e de entusiasmo, inflamava aquele olhar cansado, como um raio de sol que passa através das poças nuvens de um dia de inverno.

É que a mulher é sempre mulher, até do dia da morte. Organizada formada, quasi exclusivamente para sermã, nascida logo sagrada, que se resiste ao tempo. Tudo é que é de sua natureza, mas não se extingue. Passa de mãe para o amante, e para o esposo, desde este para o marido, e vai até aos netos. Os gelos de idade amontoam-se sobre o coração, mas de um momento para outro surge a revolução do fogo intimo, impetuoso que ilumina a alma da mulher.

O tumulto ronda a áurea avó todos os afectos, e que é de sua natureza.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua companheira, desapareceu, era também na flor da idade, pallido, certo crestdão p'las grades. O gênero andava ausente por terras longínquas.

Para substituir essas aflições, e encher o vacuo que elles lhe haviam deixado, ficarão-a a nova Luizinha, que com concentração redonda, e extrema ardor, deu seu coração a este.

II

Luzinha era linda, não sei o que disse já. Linda sim Linda, como devem ser os anjos, que não se extinguem, que vivem sempre. Ainda que proferisse palavras de sacerdote.

No dia seguinte, a sua vizinha dona, a rapariga de pele negra, que era a sua companheira, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquela noite de S. João estava de branco com um manto, na cintura, que era de seda, e que era de seda, e que era de seda, e que era de seda.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

Naquele dia, a Luizinha, com o prego de ferro, que era o seu conserto de frouxidão, desabrochou, e a rapariga de pele negra, que era a sua amiga assim, não o olhou, nem sorriu, nem deu um sorriso.

**2000000 RS.**

Ao abaixo assinado, morador no Biguassú fugiu à 8 de Dezembro último um escrav o crioulo de nome João de 30 anos d'idade mais ou menos, de estatura mediana, barbado, magro, cara alegre. Quem o apreender e entregar na Cadeia da cidade receberá a gratificação de Rs. 200000 garantida pelo comerciante da mesma praga A. C. Ebel.

Santa Catharina 5 de Fevereiro de 1873.

Nicoldo S. im'rs.  
3-1

## PRECISA-SE

Comprar ou alugar uma escrava que seja de boa conduta e que leve e engomma com perfeição na rua do Livramento n. 15.

## EMPREZA BRASILEIRA

DE

### PAQUETES A VAPOR

O paquete a Vapor «ITAJAHY» d'esta empreza, é esperado dos portos interiores no dia 23 do corrente e segue viagem para Montevideo com escala pelo Rio Grande.

Recebe carga e passageiros para os portos acima.

Desterro, 11 de Fevereiro de 1873.

O Agente  
J. Fernandes Capella.  
2-1

### Chacara á venda

Vende-se a casa e chacara á rua de Santa Izabel n. 16 Trata-se com

José A. Cidade.

## Escravo fugido

Ausentou-se do lugar das Forquilhas do sítio de Manoel Raymundo o seu escravo crioulo de nome Francisco, com os signaes seguintes: — estatura alta, pescoco curvo para diante, testa levantada e cabello carapinjo e curto, orelhas muito pequenas, e sobretudo, a mão direita muito grossa e talhada por fígado bravo. Levava calça e camisa de algodão, e chapéu de massa preto velho. Filho do lugar dos Barrigões, foi comprado a Luiz de Faria do mesmo lugar. Quem o pegar ou der notícia certa da sua Senhor no dito lugar das Forquilhas, ou a José Nunes Louzada nesta cidade se lhe pagará as despesas e será generosamente recompensado, bem como se protesta com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoutado ou recolhido.

4-1

## Loja de ferragens

1 Rue de Principe 4

• CONSTANTINO FERRAZ

recebeu ultimamente um sortimento de ferragens, utensílios para pintura, drogas, objectos de armazém, e de escritório, cera em vellas e em pés, chá, rapé verdadeiro, tinta inglesa, e nacional de Monteiro para escrever, sortimento de livros de instrução primária, e de muitos outros géneros pertencentes ao seu negócio.

**PREÇOS RAZOÁVEIS**  
1 RUA DO PRÍNCIPE 4

0 Constantino Ferraz

ESTA VENDENDO

Ferros á vapor a	25000
Cera em vellas, libra	1500
Idem em pés,	25000

1 RUA DO PRÍNCIPE 4  
6-1

## O ARAVILHOSO REMEDIO DO DOUTOR CHAS DE GRATH OLEO ELECTRICO

KING OF PAIN

O REI DA DOR

PARA O USO INTERNO E EXTERNO

CURA:

### FEBRE AMARELLA E CHOLERA MORBUS.

Febre amarela, aliviá em vinte minutos, e cura em dois dias. Diarréa, fluxo de sangue, em um dia. Dor de cabeça, e dores de ouvido em treze minutos. Dor de dentes, em um minuto. Neuralgia, em cinco minutos. Deslocações, em vinte minutos. Gargantas inchadas, em dez minutos. Colica e convulsões, em cinco minutos. Rheumatismo, em um dia.

Febre e febre intermitente, em um dia. Dor nas costas e nos lados, em dez minutos. Tosse perigosa e resfriados em um dia. Pleurexia, em um dia. Surdez e asthma. Hemorróidas e bronchites. Inflamação nos rins. Dispepsia, erysipela. Molestia de fígado. Palpitação do coração.

O REI DA DOR

11.- Sr. Luiz Eduardo Otto Horn.

Braga 21 de Agosto de 1872

Oleo electrico ou o Rei da Dor do Doutor Chas de Grath exposito a venda em sua Pharmacia, é um maravilhoso remedio, para o rheumatismo, dores de dente e de cabeça. Tendo experimentado por mim como em pessoas de minha vizinhança, tem sido sempre efficaz; e acho muito provável que nas outras molestias indicadas pelo seu authôr produze os mesmos effeitos, que n'aquelas por mim experimentadas. Bem sei que minha falta de autoridade, pouco ou nada deve influir, para tornar ainda mais acreditado o Rei da Dor, mas como me firmo na experiençia propria, quero sempre que estas linhas sirvam de proviso a fazer mais realçar o credito de que já gosa tão festejado remedio.

Disponha de quem se presa ser.

De Vmc. " am. " ml. " Obr."

João da Costa Mello

### Á VENDA NA PHARMACIA

DE  
LUIZ EDUARDO OTTO HORN  
9 RUA AUGUSTA 9

## PADARIA E CONFEITARIA

DE MARIANO JOSE' DA COSTA

9 LARGO DE PALACIO 9

Nesta casa encontra-se diariamente diversas massas frescas, tanto brasileiras como francesas, folhados, pasteis de nata, de creme, etc. etc.

Grande e variado sortimento de excellentes doces secos para chás, como sejão — pão-de-ló torr.ad., dito coberto com assucar, tarecos, croquinhos, queijinhos, croquetes soprados, ditos d'amendoas inglesas, biscuits sortidos, franceses, brasileiros, portugueses, e paraguayos; bolinhos d'araratu finos, etc. etc., a prego de 800 rs. a libra, Crachás e Biscoitos americanos a 60 rs., Bolachinha d'araratu a 480 rs., libra; dita americana a 100 rs. libra.

Pralinhas, confituras de amiz e amendoas cobertas a 1280 rs., libra. Barricas de farinha de trigo de diversas marcas—grande quantidade de bolacha, rosas à Barão, para qualquer encomenda que se faça.

Apronhou-se empadões com canary, gallinha, etc. etc.; bandejas de doces para baile, e tudo mais que fôr concernente ao estabelecimento.

Unica casa nesta praça onde se faz o verdadeiro e excellente pão francês, e muitas outras qualidades, mais ou menos cosidos, a gosto dos franceses. — Seando encomenda de mais de uma arroba se fôr redução nos preços.

Pede e espera portanto a concurrence publica, e especialmente de seus freguezes e amigos, certos de que serão servidos com esmero e promptidão.

## PEITORAL DE CEREJA

DE AYER

PARA TODAS MOLESTIAS DO PEITO

1 GENTE

C. J. Watson.

## ATTENÇÃO ARMAZEM N. 7

### A' RUA DO PRÍNCIPE

(Com deposito á rua do Livramento n. 4)

São incontestáveis as vantagens que resulta das e no a diária, por isso é que se vende e tão barato

### ARMAZEM N. 7

### A' RUA DO PRÍNCIPE

onde se encontra um completo sortimento de géneros concernentes ao negocio de molhados, como sejão :

Vinhos de diversas qualidades em pipas, quintos, decimos, caixas, dúzias ou garrafas.

Kezesimo: m caixas ou latas.

Licores, nacional e estrangeiro, para barrica, caixa, dúzia, ou garrafa.

Cerveja, diversas marcas, para barricas, caixas, dúzias, ou garrafas.

Sabão amarelado e rajado de 1.ª qualidade

Velas em caixas, com 20, 22 e 24 libras

Bitas de composição em caixa ou libra

Aparolhos de diversas qualidades para jantar

Bitas de metal e porcelana para almôço

Lampetas de diversos tamanhos

Castiçais de bronze com mangas e pingentes

Lampetas de diversos tamanhos

Panças novas

Fumo de superior qualidade

Mausas de diversas qualidades

Fructos em conservas

Conservas inglesas

Café da terra superior qualidade

Assucar da terra superior qualidade

Bito refinado

Sal

É outros muitos artigos que se vendem por preços

### BARATISSIMOS

O proprietario do referido estabelecimento, convida á pessoas que comprão n'esta praça e bem assim os Srs. comerciantes que se surjam n'ella a examinarem os preços e géneros do seu negocio, com o que não perderá.

Ha sempre sortimento completo

### E NA RUA DO PRÍNCIPE N. 7

(Depósito á rua do Livramento n. 4)

### ARMAZEM DE

Severo Francisco Pereira.

## ESCRAVOS.

O abaixo assinado continua a comprar escravos de ambos os sexos de 10 a 22 annos de idade com e sem prendas; sendo as escravas livres de filhos pequenos.

SEVERO FRANCISCO PEREIRA.

### A' RUA DO PRÍNCIPE N. 7

Typ. da Regeneração Largo de Palacio 24.